



PIBID EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL PEREIRA DOS SANTOS

Luiza Catarina Carteri^a, Maristela Teresinha Sartoretto*

a) Curso de Pedagogia, Centro Universitário da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, RS.

Informações de Submissão

*Orientador (autor correspondente):
Maristela Teresinha Sartoretto, endereço: Rua
Os Dezoito do Forte, 2366. Caxias do Sul – RS.
CEP: 95020-472.
E-mail: luizacatarinacarteri@gmail.com

Palavras-chave:

Alfabetização. Ludicidade. PIBID.

Resumo

O presente relato propõe narrar a experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em tempos de pandemia sob o olhar do bolsista de iniciação à docência. Ao integrar a educação básica da rede pública com a educação superior, o programa oportuniza licenciandos de terem sua primeira vivência na área docente. Dessa forma, alunos impactados pelo programa melhoram seu desempenho escolar e desenvolvem suas habilidades socioemocionais e cognitivas. Paralelo a isso, o trabalho também possui o objetivo de descrever as condições do ensino público como alerta à importância de uma educação de qualidade, principalmente àqueles em cenário de maior vulnerabilidade ou atingidos mais facilmente pelos problemas sanitários e econômicos do país. Destarte, o PIBID/FSG, com o subprojeto denominado “Práxis lúdica na alfabetização”, ocorreu nas duas turmas de 3º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Pereira dos Santos, cujo plano é melhorar a prática da escrita e leitura dos estudantes com atividades de caráter pedagógico, recreativo e relacionado aos conteúdos vistos em aula. Levando em conta os princípios da escola que prezam pela ressignificação da diversidade, as situações de cada família que compõe a comunidade escolar e a condição inédita atual causada pelo novo Coronavírus, as dinâmicas lúdicas foram planejadas: com reuniões mensais que contavam com a presença das bolsistas de iniciação à docência, a bolsista de supervisão da escola e a coordenadora de área, a participação no programa se tornou reflexiva, rica e valiosa.

1 INTRODUÇÃO

A escola possui um papel fundamental na construção de conhecimentos científicos e históricos de seus alunos, porém vê-se imprescindível ensiná-los da mesma forma sobre ética, cidadania, pensamento crítico, respeito e empatia. O profissional da docência faz-se responsável por,

entre suas diversas atribuições, moldar uma futura sociedade, tendo esta uma base de todos os pilares essenciais para ser formada por bons profissionais tal qual bons cidadãos.

Por estar diretamente relacionado ao público - e mais, um público em busca de formação de opiniões, entendimentos e sentimentos -, uma discussão sobre os cuidados a serem tomados pelo professor não deve passar despercebida, considerando que, como cita Saviani (1977, p. 45), “os homens não são essencialmente iguais; os homens são essencialmente diferentes, e nós temos de respeitar as diferenças entre os homens.”. Existem deveres importantes para os profissionais da educação, como a obrigação de encontrarem-se inteiramente capacitados para lidar com cada um desses homens - para melhores interpretações, os mesmos representam os discentes -, seja de forma individual ou coletiva, pois não é difícil afetá-los positiva ou negativamente. Dessa forma, é importante que o profissional decida qual tipo de professor deseja ser, assim como qual sua intenção de mudar a realidade educacional.

Considerando essa contextualização, os educandos precisam de um preparo notável e de experiências abrangentes na área. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, mais conhecido como PIBID, dá a oportunidade para milhares de licenciandos de criarem uma relação teoria-prática com os estudos feitos durante o curso e as vivências cotidianas nas escolas da rede pública registradas no programa. Ele, ao estabelecer uma integração entre a educação básica e a educação superior, estimula os cursistas a observar, conhecer e refletir sobre a realidade em que essas instituições de ensino público estão estabelecidas.

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências pedagógicas vivenciadas pela autora a partir da bolsa de iniciação à docência em concomitância à escola definida pela coordenadora de área e bolsista de supervisão. Sem embargo de até o presente não haver uma ultimação do programa, pois ainda haverão muitas experiências e aprendizados, se vê necessário o cumprimento de uma reflexão sobre os momentos e contemplações desses meses participando dessa ocasião única.

1.1 O Programa

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) se deu início em 2007 em partida de uma ação de política nacional de formação de professores do Ministério da Educação vinculado à agência governamental conhecida como CAPES. Ele ocorre integrando a educação superior e a educação básica cujo ensino vem da rede pública. À vista disso, o programa oferece bolsas para alunos cursando licenciatura - com o pré-requisito de não terem concluído mais da metade

do curso -, coordenadores institucionais da área representando as instituições de ensino superior e supervisores correspondendo às escolas municipais e estaduais.

A finalidade é conceder ao estudante de licenciatura uma vivência na realidade de escolas com necessidades de melhoria de ensino, assim como instigar sua curiosidade e reflexão sob o olhar docente. Ocorrendo desta maneira uma relação entre a teoria vista durante o curso e a prática concebida durante o programa, o formando estará mais criativo, estimulado e capacitado para lidar com as diferentes situações passadas por um professor diariamente.

Os ganhos são diversos: melhor desempenho escolar nas áreas de ensino superior por parte dos bolsistas e de ensino básico por parte das turmas nas quais o PIBID atua, maior valorização do trabalho docente tanto quanto o início da criação de uma identidade profissional, plena socialização e troca de experiências entre todos os participantes, desenvolvimento de atributos como imaginação, empatia, raciocínio, esforço e entusiasmo. Todas as informações citadas acima foram retiradas do site oficial da CAPES.

1.2 O Subprojeto

Integrou-se à FSG - Faculdade da Serra Gaúcha em 2020 o PIBID/Pedagogia, permitindo aos licenciandos do curso criarem noções pedagógico-críticas por meio das experiências adquiridas ao situar-se em no cotidiano de escolas da rede pública de Caxias do Sul. Com o subprojeto intitulado “Práxis lúdica na alfabetização”, criado e orientado pela coordenadora de área e do curso Simone Martiningui Onzi¹, o programa é promovido em três escolas municipais da cidade, contando com uma totalidade de três supervisoras (uma para cada instituição de ensino) e vinte e seis bolsistas, distribuídas justamente pelas escolas.

A intenção do subprojeto se dá na proposta de contemplar uma evolução de aprendizagem tanto nos bolsistas quanto nos alunos da educação básica. Para os futuros pedagogos, há muito incentivo pela construção de conhecimento, identidade profissional e capacidade educacional, capaz de criar uma realidade não muito distante com uma educação transformadora manifestada pela ação pedagógica. Para os discentes do ensino público, existe a vontade de estimular a construção - e não transmissão - do conhecimento, contextualizando, por meio da ludicidade, as práticas de linguagem com situações reais.

¹ Prof^a Mestre em Gestão Educacional pela UNISINOS. Especialista em Gestão Social pela UNISINOS e Gestão Estratégica em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Prof^a coordenadora de área do PIBID/Pedagogia. E-mail: simone.onzi@fsg.edu.br

É útil se perguntar através de que tipo de *práticas* a criança é introduzida na língua escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar. Há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os *outros* possuem e que só se pode obter pela boca dos *outros*, sem nunca ser participante na construção do conhecimento. [...] Há práticas que levam a que o sujeito (a criança neste caso) fique de “fora” do conhecimento, como espectador passivo ou receptor mecânico, sem nunca encontrar respostas aos “porquês” e aos “para quês”, que já nem sequer se atreve a formular em voz alta. (FERREIRO, 1993, p. 32)

A individualidade, liberdade, o tempo e o ritmo de cada um é respeitado e valorizado, pois o aprendizado se dá por meio da experimentação, divergente dos métodos tradicionais vistos e revistos constantemente. O lúdico incorporado na alfabetização foi considerado indispensável na realização do subprojeto para bom proveito dos alunos que apresentavam mais dificuldade, estimulando assim a socialização e a autonomia.

A nossa compreensão dos problemas tal como as crianças os colocam [...] é, sem dúvida, essencial para poder ao menos imaginar um tipo de intervenção adequada à natureza do processo real de aprendizagem. Mas reduzir esta intervenção ao que tradicionalmente denominou-se “o método utilizado” é limitar demais nossa indagação. (FERREIRO, 1993, p. 32)

Ao invés de ser imposto à criança como ela deve aprender, pensar ou agir, a “Práxis lúdica na alfabetização” concilia os objetivos pedagógicos com a recreação, deixando a mercê do estudante determinar como ele prefere fazer a conexão ensino-aprendizagem. Para que isso ocorresse de maneira adequada, as bolsistas de iniciação à docência tiveram reuniões com a coordenadora de área e a supervisora da sua escola de atuação. Nesses encontros, a troca era valiosa, com articulação de saberes, compartilhamento de experiências e ideias, apreensões e excitações para com o programa... O diálogo servia para facilitar a criação de atividades lúdicas cuja função era ajudar no desenvolvimento pessoal, cognitivo e afetivo dos alunos, tanto da educação básica quanto da educação superior.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasamento teórico em relação às experiências e desenvolvimento do pensamento crítico quanto às mesmas, o relato foi baseado em livros publicados por autores **conhecidos** da área pedagógica e *sites* do governo para informações importantes.

3 METODOLOGIA

O projeto de alfabetização na Escola Manoel Pereira dos Santos se dá para fortalecer a escrita do tipo alfabético nas turmas do 3º ano por meio de práticas lúdicas. Para tanto, antes de mais nada, é de extrema relevância compreender a finalidade e os benefícios do sistema de escrita e da língua falada para o ser humano. Segundo Durkheim (1922, p. 60):

Ao aprender uma língua, aprendemos todo um sistema de ideias, distintas e classificadas, e herdamos todo o trabalho do qual são oriundas estas classificações, que resumem séculos de experiência. E tem mais: sem a linguagem, não teríamos, por assim dizer, nenhuma ideia geral, pois é a palavra que, ao fixar os conceitos, lhes dá consistência suficiente para que eles possam ser manipulados comodamente pelo intelecto. Portanto, foi a linguagem que nos permitiu elevar-nos acima da pura sensação; e é desnecessário demonstrar que a linguagem é, por excelência, uma coisa social.

De acordo com a PNAD Contínua - Educação 2016-2019, pesquisa realizada pelo IBGE, a porcentagem de analfabetismo no Brasil foi de 6,6% em 2019, equivalente a um total de 11 milhões de pessoas. As crianças não representam a maioria, no entanto, é importante assegurar que não se tornem, assim o percentual não aumentará e, na melhor das hipóteses, reduzirá. Essa taxa é o resultado de um modelo de educação antigo e tradicional pouco favorecedor de desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, do qual negava aos estudantes - hoje adultos - a possibilidade de expressarem-se em sala de aula, criarem noções sobre o mundo acerca deles e florescerem as inteligências inter e intrapessoais.

Com base nos estudos de Jean Piaget, célebre pensador do século XX, Antunes (1937) destaca a “motivação, a curiosidade e alegria da descoberta, satisfação pelos resultados alcançados, o elogio, o bom e estimulante ambiente, a empatia do professor e simpatia dos colegas” como essência para um bom aprendizado. Ademais, discorre sobre a ludicidade, recurso didático com infinitas qualidades educacionais fomentadoras da motivação.

A aprendizagem é tão importante quanto o desenvolvimento social e o jogo constitui uma ferramenta pedagógica ao mesmo tempo promotora do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento social. Mais ainda, o jogo pedagógico pode ser um instrumento da alegria. Uma criança que joga, antes de tudo o faz porque se diverte, mas dessa diversão emerge a aprendizagem e a maneira como o professor, após o jogo, trabalhar suas regras pode ensinar-lhe esquemas de relações interpessoais e de convívios éticos. (ANTUNES, 1937)

Em ordem de combater as estatísticas do analfabetismo no Brasil, com base nos ideais da instituição que pregam pela educação de qualidade e pela democracia de igualdade de condições de acesso e permanência escolar, juntamente às circunstâncias citadas acima e em adição ao

assentimento de que cada estudante possui suas peculiaridades, a prática pedagógica para o mês de outubro foi desenvolvida.

Denominado “Quem sou eu?”, o jogo definido pela autora e sua dupla, Julia Maciel², tinha como intuito utilizar-se da recreação para exercitar os conhecimentos já adquiridos durante as aulas de Ciências sobre o assunto “animais vertebrados e invertebrados”. Inicialmente, a ideia não era essa: tudo começou com sugestões mais abstratas, como um jogo de cruzadinha, um dominó, sugestões essas que, apesar de serem boas, ainda não cumpriam, na visão do par, o maior objetivo do subprojeto: o exercício de dar ao aluno oportunidade de autonomia sob o jogo, de perguntar e responder, forçar a mente a agir. Após maiores discussões, a brincadeira “Cara a Cara”, famosa entre as crianças, entrou em aberto, pois constituía tudo aquilo considerado necessário em uma prática lúdico-pedagógica.

No entanto, havia uma pergunta ressonante: ela é acessível? Seria acessível, sim, se sua montagem não fosse tão detalhada, ou se não demandasse tanto tempo e material para construir o tabuleiro e as peças. Mesmo tendo informações da realidade dos discentes, não se pode ter certeza de que os mesmos não precisem ajudar com as tarefas domésticas, com garantir dinheiro para a família, ou com outras responsabilidades muito além da escola.

Uma brincadeira semelhante à “Cara a Cara”, porém com acesso muito mais facilitado, é “Quem sou eu?”. Para jogar, somente cartas são demandadas e, pelo menos, duas pessoas. Esse jogo estimula a criatividade ao fazer os participantes pensarem nas inúmeras possibilidades de perguntas a serem feitas para descobrirem que animal cada um é e a memória, ao terem de pensar nos variados animais existentes. Explicitamente, testa os conhecimentos dos alunos sobre os animais vertebrados e invertebrados, suas características e classificações. O procedimento é simples: cada jogador tem colado ou segurado na testa uma carta com a representação de um animal desconhecido; a cada rodada, todos os jogadores têm a oportunidade de fazer uma pergunta (cuja resposta só pode ser “sim” ou “não”) para tentar adivinhar qual é esse animal - essas perguntas são do tipo “sou um animal vertebrado?”, “meu corpo é coberto de penas?”, “sou um mamífero?”, “vivo na água?”; a cada pista dada, mais próximo o jogador está de descobrir quem ele é; após terminarem o jogo, devem desenhar um animal e escrever suas características; dessa forma, é possível saber se os alunos conseguem identificar as diferenças entre todos. Os materiais para a prática são uma folha A4 para desenho, tesoura para recortar as cartas (impressas e entregues pela escola) e lápis para desenhar e colorir.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia na FSG - Faculdade da Serra Gaúcha. E-mail: juliac.maciell@gmail.com

Após a aprovação da supervisora e coordenadora de área, o entretenimento pedagógico foi fornecido aos discentes e, recebendo o *feedback* das famílias, pode-se notar o bom aproveitamento da práxis lúdica pelas turmas. Foi extremamente gratificante observar o quanto a integração entre a educação básica e superior se fez prazerosa e conveniente, considerando os bons resultados na prática da atividade e o retorno de satisfação.

A atividade para o mês de novembro, por conta do estabelecimento educativo estar se encaminhando para a reta final do ano letivo, não deveria abranger uma matéria escolar específica. Contudo, a necessidade de uma dinâmica lúdica, pedagógica e alfabetizadora ainda era precisa, não com conteúdo, mas com algo remetente ao fim de ano, férias ou início do próximo. Na penúltima reunião com o grupo do PIBID, cada bolsista se juntou a alguém e decidiu qual o tema escolhido e, no caso relatado neste trabalho, o fechamento foi o preferido, em participação da bolsista Julia Maciel novamente.

Pensando em algo mais leve, mas mesmo assim com caráter pedagógico, e que desta vez pudesse abranger a família inteira do aluno, foi-se pensado no chamado “Mural do Carinho”. Com os objetivos de estimular a escrita, recordar memórias felizes e trabalhar a confiança e a autoestima, essa atividade não tinha como objetivo avaliá-lo, pois servia apenas para uma reflexão. Todos da família deveriam escrever uma lembrança feliz do ano que se encerrou e/ou os motivos pelos quais foram gratos. Ao finalizar a atividade, fixado estaria o mural na geladeira para recordarem os melhores momentos de um ano tão inusitado. De material necessitou-se de folha A4 para impressão do mural, tesoura para cortá-lo, e lápis ou caneta para escrever, desenhar e colorir.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A educação brasileira nunca foi igualitária. Está longe de ser, pois desde o início de sua história possui caráter elitista, e apesar de haverem manifestos e lutas que pretendem abolir ou simplesmente diminuir a desigualdade escolar, esse problema ainda faz parte da realidade. Com a chegada do novo Coronavírus no ano de 2020, tal problemática educacional fez-se ainda mais escancarada, revelando ser uma das maiores disfunções do país atualmente.

Claro está que a educação das crianças não devia depender do acaso, que as fez nascer aqui ou acolá, destes pais e não de outros. Mas, ainda que a consciência moral de nosso tempo tivesse recebido, acerca desse ponto, a satisfação que ela espera, ainda assim a educação não se tornaria mais uniforme e igualitária. E, dado mesmo que a vida de cada criança não fosse, em grande parte, predeterminada pela hereditariedade, a diversidade moral das profissões não deixaria de acarretar, como consequência, grande diversidade pedagógica. (DURKHEIM, 1922, p. 13)

No referido trabalho, o subprojeto do PIBID/Pedagogia foi aplicado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Pereira dos Santos, localizada na zona urbana da cidade de Caxias do Sul, no bairro Centenário, rua Manoel Pereira dos Santos, nº 988. Ela contabiliza um total de 56 (cinquenta e seis) crianças da Educação Infantil e 322 (trezentos e vinte e dois) estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental nos turnos da manhã e tarde.

Segundo o regimento escolar da instituição, dentre as famílias que fazem parte da comunidade discente, como os pais ou responsáveis dos alunos, 43% possui renda mensal entre um e dois salários mínimos; mais da metade (66%) utiliza o SUS para necessidades médicas; e 55% reside no bairro Centenário (entorno da escola), seguindo gradativamente por outros bairros mais humildes da cidade.

Sobre a localização da escola e seus arredores, há pontos positivos, como saneamento básico, comércio, UBSs, mercadinhos, etc. Todavia, os pontos negativos são alarmantes da mesma forma que preocupantes: os moradores se sentem abandonados pelo poder público, há falta de segurança, tiroteios, aumento da drogadição e pontos de tráfico, carência de sinalização e áreas verdes ou de lazer, ausência de posto policial, e poucos horários disponíveis de transporte público.

Essas informações são importantes para, primeiramente, contextualizar as bolsistas de iniciação à docência sobre a realidade das crianças da escola; e secundamente, para aqui ser interpretado o quanto esse corpo social encontra-se em situação de vulnerabilidade e, por consequência, em indício de ser vinculado à uma educação opressora. Ele da mesma forma foi atingido com mais força pela crise acarretada pela COVID-19, crise esta que trouxe problemas sanitários, econômicos e sociais para o mundo inteiro - não de forma uniforme, obviamente, afinal enquanto as classes mais altas encontram e utilizam-se de recursos para se defenderem de possíveis tragédias e desconfortos, as classes mais baixas não conseguem o mesmo.

Além disso, antes mesmo da pandemia a escola já enfrentava certas complicações, como: infrequência (causada na sua maioria por dificuldade no pagamento de transporte ou falta de organização familiar), dificuldade de convivência por conta de situações de fragilidade socioemocional, impasse na aprendizagem e falta de motivação em alguns pares. Vale ressaltar que, a medida em que são dadas essas noções, o objetivo não é desacatar o ensino público e menos ainda desfeitar as boas condutas da escola em questão; muito pelo contrário: a real intenção é facilitar a criação de uma visão completa dessa existência e reforçar a desatenção do Estado em situações críticas das quais deveria estar dando mais apoio pelo menos economicamente, afinal educação não é despesa e sim, investimento.

Com a chegada do vírus e dentre os diversos males causados pelo mesmo em questões de salubridade e economia, a educação como um todo sofreu grande retrocesso, e áreas antes já desfavorecidas passaram por algo muito semelhante à decadência. Necessitando ainda mais dos esforços pedagógicos para manter a atração e instigação dos alunos no ato de aprender, a tarefa de criar um caminho para eles fazerem a construção de conhecimento nunca foi tão desafiadora.

Apesar da acessibilidade à internet ou aos recursos eletrônicos ter se tornado essencial nos últimos tempos, nem todas as famílias conseguiram se adaptar a esse novo modelo de vida. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) proporcionados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (PNAD Contínua TIC) em 2019 averiguaram: um quarto da população do Brasil não tem acesso à internet. Esse fator foi levado em conta no período de produção das atividades lúdicas, pois havia necessidade de elas serem acessíveis para quaisquer crianças, com ou sem internet.

Isso posto, considerando os fatores socioeconômicos e, consoante a eles, a pandemia do novo Coronavírus, as práticas pedagógicas foram planejadas cautelosamente para serem atingíveis para todos os alunos, tal qual divertidas e capazes de tirar-lhes o foco das dificuldades enfrentadas no momento tão delicado. As turmas em questão nas quais as atividades lúdicas de alfabetização foram realizadas foram do 3º ano A e B, contando com 54 (cinquenta e quatro) estudantes no total, dois deles sendo público de ensino especial e, em adição a isso, as propostas deveriam condizer com as realidades encontradas dentro de cada domicílio de cada família da comunidade escolar.

Em épocas normais, quando era plausível criar aglomerações e se situar em ambientes fechados junto a outras pessoas sem a preocupação da circulação de um vírus altamente contagioso, os projetos criados pelos bolsistas do PIBID seriam postos em prática na instituição de ensino determinada. Seria viável, também, interagir com as crianças, fazer a observação no exato momento em que elas impulsionariam suas habilidades cognitivas, afetivas e sociais, aprender e ensinar no mesmo instante em que os alunos estariam o realizando também.

Por circunstâncias evidentes, as coisas ocorreram de outra forma. O contato com os discentes foi inexistente, e a execução das atividades foi feita no aconchego de suas casas. Por um lado, pode-se dizer que a experiência poderia ter sido mais agregadora se o convívio entre alunos da educação básica e superior acontecesse, porém também é importante lembrar de como pode ter sido proveitoso para as turmas do 3º ano fazerem a aprendizagem com a presença de seus respectivos pais, responsáveis e até outros parentes ou amigos. O retorno de como os estudantes se saíram com a presença de práticas lúdicas em sua rotina foi dado por meio de um grupo no WhatsApp, composto

pelas bolsistas da Escola Municipal Manoel Pereira dos Santos, pela supervisora Maristela Teresinha Sartoretto e pela coordenadora de área já citada anteriormente. Os pais ou responsáveis encaminhavam para a supervisora fotos e vídeos de seus menores durante o exercício, e seguidamente a mesma enviava-os para o grupo.

Não apenas dos alunos da escola os integrantes do PIBID foram distanciados: a equipe inteira permaneceu em isolamento social nas ocasiões do programa. Para diálogos, as reuniões mensais, anteriormente presenciais, passaram para o modelo *online*. As idas na instituição de ensino não se sucederam, e o ato de conhecer as turmas se deu de forma virtual, através de fotos e vídeos.

Com a utilização dos conhecimentos da docência, a interação com profissionais já formadas na área e outros estudantes, assim como a base teórica vista durante o curso de Pedagogia, foi possível aprender muito tendo de adaptar atividades, jogos e até mesmo a ludicidade para uma forma virtual ou distante. A experiência do programa, conquanto sendo diferente da ideia inicial, continuou completa, pois cumpriu com todos seus objetivos e fortaleceu o ramo pedagógico com pessoas mais qualificadas para exercerem o cargo de docentes no futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo em tempos de pandemia, a experiência do PIBID foi vista como completa, afinal os objetivos principais foram alcançados e, mais do que isso, vidas mudaram, tanto no ensino superior quanto no básico. A conciliação entre os dois foi instigante e animadora, pois enquanto preparava as licenciandas para a sala de aula (nesse caso, fora dela, mas ainda assim dentro da escola por outros meios) com todas suas variantes, também reforçava a autonomia e imaginação dos estudantes das turmas que participaram da vivência.

A importância de incluir todas as crianças, quaisquer que sejam suas diferenças e particularidades, precisa ser notada pelo profissional docente, e só assim, no seu exercício de ensiná-lo a aprender, ele terá êxito e satisfação. Com a vivência do programa, notou-se o quanto a adaptabilidade é uma característica essencial no professor, considerando que cada aluno é único, o mundo está em constante mudanças - como foi possível notar nesse ano aventurado de 2020 - e a diversidade deve ser acolhida.

O docente, e aquele que se prepara para ser um no futuro, também deve estar em um processo contínuo de aprendizagem, para compreender as reais dificuldades mostradas nas instituições educacionais e tentar solucioná-las. No entanto, essa solução não é eterna: ela também deve ser

ressignificada com o passar do tempo, se adequar ou se alterar para fazer mais sentido no momento em questão.

Com as atividades realizadas pelo PIBID, conclui-se o quanto a prática da ludicidade se faz essencial para um bom desenvolvimento cognitivo e social da criança seja em qual atividade for, pois usando da curiosidade e motivação, a faz esforçar-se a usar a imaginação, a criatividade, a razão e a lógica. Em dois meses, também se foi capaz de iniciar a criação de uma identidade profissional e trocar experiências com outros profissionais e pessoas a fim de crescerem no ramo da docência.

Estar participando de um programa com metas tão grandes é ao mesmo tempo desafiador e cativante. O sentimento de dever cumprido marcou, mesmo com as desavenças de estar vivendo em um momento crítico para a população mundial. Apesar das dificuldades, expectativas mudadas, vivências diferentes, de alto valor foram as lições aprendidas durante o caminho percorrido. Ainda haverão mais lições, das quais levarão os bolsistas mais longe, com mais bagagem de conhecimento teórico e, por consequência do PIBID, prático também. O desejo de se dedicar mais intensamente para fazer parte do ramo docente aumentou, assim como a vontade de lutar por uma educação mais justa que cumpra com o objetivo de formar bons profissionais e bons cidadãos.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **O jogo e a educação infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir, fascículo 15**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC.BR). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019**. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/A4/>>. Acesso em: 08/jan.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MANOEL PEREIRA DOS SANTOS. **Regimento Escolar da educação básica para as etapas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental e modalidades**. Caxias do Sul, 2019.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1996.

FUNDAÇÃO CAPES. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. 2008**. Disponível em: <<http://uab.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 07/jan.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2019**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf>. Acesso em: 11/jan.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez, 1977.